

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES

MESTRADO EM TEORIAS DA ARTE

DACIANO DA COSTA E A TEORIA DO DESIGN PORTUGUÊS, (1959-1974).

(ANEXOS)

ANA GLÓRIA BARÃO DOS SANTOS NEVES RATO

Orientador: PROFESSOR DOUTOR JOSÉ FERNANDES PEREIRA

LISBOA, OUTUBRO DE 2002

ANEXO 1

OS ACONTECIMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS NO DESIGN PORTUGUÊS,
ENTRE 1959 E 1974

OS ACONTECIMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS NO DESIGN PORTUGUÊS, ENTRE 1959 E 1974

1958

2º Salão de Artes Domésticas
Feira Internacional de Lisboa

1960 INII criou o Núcleo de Arte e Arquitectura Industrial

1962

Exposição no SNI – Sugestões para a Decoração Económica de Instalações Hoteleiras
Integrada nas Jornadas de Valorização Turística
Organizada pelo Secretariado Nacional de Informação

Curso de design no atelier de Daciano da Costa (1962-1964)

1962 Colaboração do INII com a FIL, num pequeno salão de design

1964

Salão de Design
Feira Internacional de Lisboa
Organização do pintor Thomaz de Mello (Tom)

1965

Exposição Internacional Industrial Design
Palácio Foz, Lisboa
Organizada pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial (Ministério da Economia –
Secretaria de Estado da Indústria)
Com catálogo.

I Quinzena de Estética Industrial

Tradução das Conferências proferidas durante a I Quinzena de Estética Industrial

Rentabilidade do Industrial Design – Henri Vienot - Paris

Novas Tendências do «Design» na Indústria Italiana - Madini-Moretti - Milão

A Empresa e o Industrial «Design» - James Noel White - Londres

A problemática do «Design» - Sergio Asti - Milão

«Design» e Artesanato - Olof Gummerus - Helsínquia

As Cores na Indústria - Xavier Auer - Zurique

Exposição de Março / Artes Gráficas
Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

Estética Industrial
INII – Núcleo de Arte e Arquitectura Industrial. Nº 1, Junho de 1965

Criado o Curso de Formação Artística na Sociedade Nacional de Belas-Artes, proporcionando a especialização em três áreas do design, Design de Comunicação Visual, Equipamento e Objectos e Têxteis/Moda

1966 1º Curso de «Industrial Design», regido pelo arq. Sergio Asti

1967 Curso sobre o design da cor, por Xavier Auer

1969 Criado o IADE, primeira escola vocacionada para o ensino específico e continuado do design

1971

1ª Exposição de Design Português

Feira Internacional de Lisboa; Palácio da Bolsa, Porto

Organizada pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial e Interforma

Com apoio do Fundo de Fomento de Exportação e da Associação Industrial Portuguesa

Com catálogo.

Apresentação, por José de Melo Torres Campos, director do INII

Introdução, por Frederico George, arquitecto

Colóquio sobre Design Industrial

Organizada pelo INII – Núcleo de Design Industrial (Ministério da Economia – Secretaria de Estado da Indústria)

Promovido pela Câmara do Comércio Italiana em Portugal, Banco Português do Atlântico e Olivetti Portuguesa

Com catálogo. «Conferências Proferidas Durante o Colóquio sobre Design Industrial».

A Associazione per il disegno industriale (A.D.I.) e o prémio Compasso D'Oro, por Carlo Santi;

Política e formação no campo do Design, por Nuno Portas;

A experiência de uma empresa portuguesa no domínio do Design Industrial, por Fernando de Carvalho Seixas;

A experiência de uma empresa italiana no domínio do Design Industrial, por Renzo Zorzi;

A actuação do INII no campo do Design Industrial, por eng. Torres Campos

O ensino do design industrial na Itália, por Vittorio Franchetti

1972

1ª Exposição da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte
Sector do design coordenado pelo arquitecto Carlos Duarte

Com catálogo. «Expo Aica SNBA 1972».

O Lugar do «Design», por Carlos Duarte

Encontro Anual do Design Industries Association (DIA)

Realização do Fundo de Fomento e Exportação

Organizado pelo Banco Português do Atlântico

Congresso de designers ingleses DIA com intervenção de alguns portugueses e um curso de mobiliário ministrado por um designer inglês

1973

2ª Exposição de Design Português

Feira Internacional de Lisboa

Guião e projecto de Sena da Silva

Organizada pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial

Com apoio do Fundo de Fomento de Exportação e da Associação Industrial Portuguesa

Com catálogo.

Apresentação, por José de Melo Torres Campos, director do INII

O Design e a Exportação, por António Amaro de Matos, presidente do Fundo de Fomento de Exportação

A Qualidade e o Design, por A. de Almeida Júnior, presidente da Associação Portuguesa para a Qualidade Industrial

Função/Design/Objecto, por M. Adília Moutinho de Alarcão, arqueóloga

Duas ou três considerações «pessimistas» sobre o designer e os seus produtos, por Nuno Portas, arq.

O que Júlio Moreira tem a dizer sobre Landscape Design

F. Gomes Rosa, cirurgião dos Hospitais

Nikias Skapinakis, pintor; *Design? Urbanismo?*, por J. Pedro Martins Barata, urbanista

Sempre vivemos rodeados de objectos, por Daciano da Costa, designer

Escolas de Design,

Centro Nacional de Embalagem

DESIGN – Acerca de Design, por Sergio Asti, Lisboa

INII – Núcleo de Design Industrial (Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Indústria)

Criado o AR.CO

1975

DESIGN – Acerca de Electrodomésticos, por Sergio Asti, Lisboa

INII – Núcleo de Design Industrial (Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Indústria e Energia)

O ensino oficial institui o curso de design gráfico, na ESBAP, e Design de Equipamento e de Comunicação na ESBAL.

ANEXO 2

OS COLABORADORES DE DACIANO DA COSTA,
ENTRE 1959 E 1974

COLABORADORES DE DACIANO DA COSTA, ENTRE 1959 E 1974

Luís Ralha, pintor 1960-1961
Rogério Ribeiro, pintor 1960-1961
Maria Albertina Rodrigues, secretária 1963-1974
Manuel Jorge Barbosa, pintor 1963-1974
Eduardo Afonso Dias, designer 1964-1970
João Ruella Ramos, arquitecto 1964-1966
João Segurado, designer 1964
José Brandão, designer gráfico 1964-1966
Cristina Reis, pintora, designer 1960-1966
José Santa Bárbara, escultor, designer 1964-1966
António Mano, marceneiro, maquetista 1965
Fernando Bagulho, arquitecto 1965-1969
Cristina Bagulho, arquitecta 1965-1969
Cristóvão Macara, eng. técnico, designer 1965-1974
Carlos Costa, designer 1966-1999
Gilberto Lopes, decorador 1966-1970
Jorge Vieira, escultor 1966-1969
José Alberto Bartissoll, fotógrafo 1966-1969
José Anahory, designer 1966
Tomaz de Figueiredo, pintor 1966-1967
Dário Romani, decorador 1968-1969
Fernando Carlos Pinto, desenhador 1968-1969
Maria da Graça Magalhães, arquitecta 1968-1969
Oterelo dos Santos, desenhador 1968-1974
Suzete dos Santos, desenhadora 1968-1969
John David Bear, designer 1969-1970
Jorge Cid, designer 1970-1981
Celso Rodrigues, maquetista 1970-1973
Pedro Graça, arquitecto 1970-1974
Aristides Reis, desenhador 1971-2001
Francisco Espinho, arquitecto 1971-1974
Guilhermina Campos, decoradora 1971-1979
José Barros Gomes, arquitecto 1971-1972
Francisco Beja Falcão, arquitecto 1971-1973

Manuel Pina, designer 1971-1972

Fernando Lemos Gomes, designer 1971-1975

Isabel Madeira, secretária 1972-1976

José Alves Pereira, engenheiro, designer 1973-1992

José Manuel Braga, desenhador 1973-1975, 1982-1983

Beatriz Alçada, designer gráfica 1973-1974

Vasco Lapa, designer gráfico 1973-1974

Carlos Simão, desenhador 1974-1976

João Pardal Monteiro, arquitecto 1974-1981

Pedro Aboim Inglez Cid, arquitecto 1974-1988

A BIOGRAFIA PROFISSIONAL DE DACIANO DA COSTA,
ENTRE 1959 E 1974 (POR ÁREAS DE ACTIVIDADE)

BIOGRAFIA PROFISSIONAL DE DACIANO DA COSTA, ENTRE 1959 E 1974

ACTIVIDADE PEDAGÓGICA

1962

Assistente da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (não chega a tomar posse por impedimento político)

1962-64

Curso de Design Básico no seu atelier, onde participam como professores Frederico George, Roberto Araújo e Lagoa Henriques, com apoio material de Fernando Carvalho Seixas e da Metalúrgica da Longra, Lda.

1967-68

Professor dos Cursos de Formação Artística, na Sociedade Nacional de Belas-Artes

PROJECTOS E OBRAS – ARQUITECTURA DE INTERIORES

1959

Fábrica Messa, Mem Martins.

Mobiliário para o gabinete do administrador, biblioteca e sala de reuniões.

1960

Agência do Banco Nacional Ultramarino

Rossio, Praça D. Pedro V, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Agência do Banco Nacional Ultramarino

Av. Da Liberdade

Mobiliário e decoração.

1961

Reitoria da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário de salas especiais (gabinete e salão do reitor, sala de pequenos banquetes, sala de reuniões do Senado, salão nobre, anfiteatro de grandes actos e sala de professores) e Aula Magna.

Colaboradores: Luís Ralha e Rogério Ribeiro.

1962

Livraria Escolar Editora

R. da Escola Politécnica, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Banhos de S. Paulo.

Travessa do Carvalho, Lisboa.

Remodelação de interiores.

Anteprojecto Não EXEC.

1963

Sede do Banco Nacional Ultramarino / Sala de jantar da Administração.

R. Augusta, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Sede do Banco Nacional Ultramarino

R. Augusta, Lisboa.

Assentos para zonas públicas.

Stand Mocar.

Av. António Augusto de Aguiar, Lisboa.

Arquitectura de Interiores.

Anteprojecto Não EXEC.

Loja PFAFF

R. Garrett, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e desenho de fachada.

Teatro Villaret.

Av. Fontes Pereira de Melo, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e equipamento. Arquitectura de cena. Design gráfico.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias, José Brandão e Cristina Reis.

Pavilhão de Portugal na Exposição Comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro.

Av. Do Chile, Rio de Janeiro, Brasil.

Arquitectura de Interiores e equipamento do cineteatro.

Colaboradores: Cristina Reis

Projecto geral: Frederico George, arquitecto.

MDF, Serviços Administrativos.

R. Filipe Folque, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira.

Biblioteca Nacional de Lisboa.

Campo Grande, Lisboa.

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário em áreas especiais (sala de catálogo, sala de leitura geral, cafeteria do público, salão nobre, auditório).

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias, Carlos Costa e Gilberto Lopes.

Teatro Dr. Manuel de Arriaga, Funchal. Estudo de Implantação da plateia.

Colaboradores: Carlos Costa.

Proj. geral de interiores: Cruz de Carvalho.

1966

Sala de Exposições ICESA.

Av. D. Carlos I, Lisboa.

Arquitectura de Interiores.

Agência do Banco Borges & Irmão.

Av. Da Liberdade, Praça dos Restauradores. Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Restaurante Panorâmico do Monsanto, Lisboa.

Equipamento e mobiliário.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

MDF Divisão Berliet.

Av. Marechal Gomes da Costa, Lisboa.

Arquitectura de Interiores de escritório e refeitório

Agência do Banco do Alentejo.

Av. Da República, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Colaboradores: Gilberto Lopes.

Cabeleireiro Estrela.

R. Marquês da Fronteira, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Ministério das Corporações. Praça de Londres, Lisboa. Arquitectura de Interiores e mobiliário das zonas nobres. Proj. geral de interiores: Frederico George, arq.

Casino do Estoril.

Praça Teodoro dos Santos, Estoril.

Arquitectura de Interiores e mobiliário do salão restaurante e de espectáculos, cineteatro e wonder-bar.

Colaboradores: Jorge Vieira e Eduardo Afonso Dias

Fundação Calouste Gulbenkian, Edifício Sede e Museu. Av. De Berna, Lisboa.

Arquitectura de interiores, equipamento e mobiliário da biblioteca, cafetaria, vestíbulo. Átrio interior do Museu, foyer e bar do Grande Auditório, zonas de refeições para funcionários, Direcção e Administração; plateia dos pequenos auditórios.

Colaboradores: Jorge Vieira e Cristóvão Macara.

Hotel Alvor Praia. Alvor, Algarve.

Arquitectura de Interiores e mobiliário do grill e do coffee-shop da piscina.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

1967

Cinema Condes

Praça dos Restauradores, Lisboa

Reconstrução dos interiores

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

Hotel Monchique, Monchique.

Mobiliário. Não EXEC.

Agência do Banco do Alentejo.

Av. Da Liberdade, Lisboa.

Arquitectura de Interiores. Anteprojecto. Não EXEC.

Delegação do Banco Borges & Irmão.

R. Sá da Bandeira, Porto.

Arquitectura de Interiores e equipamento.

1968

Agência do Banco do Alentejo, Praça do Giraldo, Évora.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Cineteatro do Centro Cultural de A Tabaqueira, Albarraque. Arquitectura de Interiores e equipamento.

Proj. geral de interiores: António Garcia.

Fundação Calouste Gulbenkian, Edifício-sede.

Av. De Bema, Lisboa.

Sistema de mobiliário de escritório para os Serviços.

Cliente: Metalúrgica da Longra / Fernando Seixas. Protótipo. Não produzido industrialmente.

Snack-bar, Santo António dos Cavaleiros.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias.

Loja Longra.

Av da República, Lisboa.

Arquitectura de Interiores.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias e Carlos Costa.

Agência do Banco Borges & Irmão.

R. de Sampaio Bruno, R. do Bonjardim, Porto.

Remodelação de Interiores.

Agência do Banco Borges & Irmão.

R. Júlio Dinis, Porto.

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

Agência do Banco do Alentejo.

Largo D. João da Câmara, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Col: Oterelo dos Santos.

NT/NV Angra do Heroísmo.

Remodelação dos interiores do navio. Não EXEC.

1969

Filmes Castello Lopes, Instalações da Sede

Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário das salas de reunião e de espera

Agência do Banco do Alentejo / Edifício ICESA, Sines

Arquitectura de Interiores

Aeroporto de Lisboa

Aerogare, Corpo Sul, Lisboa

Projecto para postos de venda

Cine Berna

Av. de Berna, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Pavilhão de Portugal na Expo 70 / Exposição Universal de Osaka,
Osaka, Japão

Arquitectura de Interiores. Design de exposições

Em parceria com António Garcia. Colaboradores: Jorge Vieira e Carlos Costa

Projecto geral de arquitectura: Frederico George, arquitecto

Loja Longra

R. da Escola Politécnica, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Cidla / Instalações da Sede

Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa

Arquitectura de Interiores do átrio e zonas públicas

Loja RIMA

Av 5 de Outubro, Lisboa

Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa

Arquitectura de Interiores

1970

Igreja de Nossa Senhor de Fátima / Capelas Mortuárias

Av. de Berna, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja Jack Pot

R. da Trindade, Largo de Bordalo Pinheiro, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Agência do Banco do Alentejo

Estoril

Arquitectura de Interiores

Hotel Madeira Hilton / Madeira Palácio, Madeira

Arquitectura de Interiores e mobiliário para o átrio, zonas de público e restaurante-grill

Colaborador: Jorge Cid

Sociedade Financeira Portuguesa

R. do Duque de Palmela, Lisboa

Sistema de mobiliário para gabinetes

Projecto geral de interiores: Frederico George e Manuel Salgado, arquitectos

Livraria Opinião
R. Nova da Trindade, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Loja Garantia Funchalense
Av da República, Lisboa
Arquitectura de Interiores

1971
Escritório Lintas
Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Escritório Urbifer
Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Aeroporto de Lisboa / Sala de jantar da Administração e Direcção
Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja Sopinol
Av 5 de Outubro, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Apartamentos d' Assunção
Cascais
Arquitectura de Interiores

Grande Casino Peninsular
Figueira da Foz
Remodelação dos interiores e mobiliário da sala de jogo, salão de festas e restaurante;
equipamento cénico
Colaboradores: Manuel Pina, Cristóvão Macara e Rui Martins (equipamento cénico)

Reintegração do Cinema Império
Lisboa
Intervenção provisória no foyer do 1º balcão

Escritório Finalgarve

Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja TAP

Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário

Boutique TAP no Hotel Madeira Hilton

Funchal

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Centro de Documentação, Avenida do Brasil, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário da sala de congressos, salas de reuniões, vestíbulo principal, biblioteca, cafetaria, sala de exposições.

Colaboradores: Cristóvão Macara, Carlos Costa e Oterelo dos Santos.

Hotel Altis, R. Castilho, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário de quartos, suites e áreas públicas (recepção), restaurantes, bares, salas de reuniões. Design gráfico. Figurinos de uniformes para funcionários

Colaboradores: José Beja Falcão, Jorge Cid, Fernando Lemos Gomes, José Barros Gomes, Guilhermina Campos, Beatriz Alçada (design gráfico, figurinos de funcionarios), Praxis (design gráfico)

Finalgarve, Escritórios e salas de exposição, Vilalara.

Arquitectura de Interiores.

Finalgarve, Sala de exposição, Hotel Algarve.

Arquitectura de Interiores.

Finalgarve, Escritórios e salas de exposição

Estalagem de S. Jorge.

Arquitectura de Interiores.

Finalgarve, Zepalgarve

Praia da Rocha, Portimão.

Implantação de mobiliário.

Hotel Penta

Av dos Combatentes, Lisboa.

Arquitectura de Interiores, mobiliário e design gráfico em áreas públicas (recepção e circulações, restaurantes, salas de reuniões), quartos e suítes.

Colaboradores: Cristóvão Macara, Oterelo dos Santos, Guilhermina Campos e Jorge Cid.

Projecto geral de arquitectura: Frederico George e Manuel Guimarães, arquitectos, com Daciano da Costa.

Apartamentos Intersol, Funchal

Arquitectura de Interiores e equipamento

Colaboradores: Guilhermina Campos e Jorge Cid.

1972

Loja das Malhas

R Nova do Almada, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Boutique TAP no Hotel Sheraton, Funchal

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Boutique TAP no Hotel Sheraton, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Casino Park Hotel, Funchal

Arquitectura de Interiores, mobiliário e design gráfico. Hotel, restaurante, grill, coffee-shop. Casino provisório; casino: salas de jogo, bares, restaurante. Cineteatro e salas de congressos; Boîte; Sala de Bingo

Colaboradores: Jorge Cid, Guilhermina Campos, Fernando Lemos Gomes, José Pereira e Pedro Graça.

Delegação TAP em Toronto, Canadá.

Remodelação de interiores.

Delegação TAP em Montreal, Canadá.

Remodelação de interiores.

Loja TAP. Madrid.

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário. Sinalização exterior.

Boutique TAP no Hotel Holiday Inn, Funchal.
Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Palácio Sotto Mayor, Figueira da Foz.
Projecto de recuperação e restauro. Não EXEC.

1973 Loja TAP. Funchal.
Arquitectura de Interiores e mobiliário. Desenho da fachada.

Hotel Figueira Praia, Figueira da Foz.
Arquitectura de Interiores.
Projecto geral de arquitectura: Frederico George e Manuel Guimarães, arquitectos, com
Daciano da Costa. Anteprojecto, Não EXEC.

Lojas Jerónimo Martins, Lisboa.
Projecto de remodelação. Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Lisboa Hilton Hotel.
Av Calouste Gulbenkian, Lisboa.
Arquitectura de Interiores e mobiliário. Não EXEC.

Cinema, Miratejo
Colaborador: Jorge Cid. Não EXEC.

Armazéns do Chiado. R do Carmo, Lisboa.
Projecto de remodelação. Não EXEC.

Edifício São Jorge, Lisboa.
Arquitectura de Interiores.
Colaboradores: Oterelo dos Santos (anteprojecto) e Filipe Cerdoso (projecto de execução).

Loja Marblarte, Lisboa.
Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Loja Alcobia, Lisboa.
Arquitectura de Interiores. Estudo Prévio, Não EXEC.

1974
Centro Comercial Eurodomus, Lisboa.
Remodelação de interiores.

Escritórios da Comundo, Lisboa.

Arquitectura de Interiores.

Boutique TAP no Hotel Penta, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Loja TAP, Paris.

Arquitectura de Interiores e mobiliário. Sinalização exterior.

1975

Loja TAP, Nova Iorque.

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário. Sinalização exterior.

Delegação da TAAG, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário. Sinalização exterior. Imagem gráfica da empresa.

Colaborador: Jorge Cid.

Delegação da TAP em Caracas, Venezuela.

Arquitectura de Interiores e mobiliário. Sinalização exterior.

Centro Português de Caracas, Venezuela.

Arquitectura de Interiores. Anteprojecto, Não EXEC.

Habitação Social, Madeira.

Arquitectura de Interiores. Proposta de concurso. Não EXEC.

ARQUITECTURA EFÉMERA

1962

Representação da CML no XXVI Congresso FIHUAT, Paris.

Design de Exposições

1963

Stand Longra na Feira Internacional de Lisboa.

Design de Exposições. Lançamento das linhas «Cortez» e «Prestígio».

1964

Exposição de Material Cirúrgico.
Design de Exposições. Esboceto.

Stand da Indústria Farmacêutica na Feira Internacional de Lisboa.
Design de Exposições.

1965

Representação do GTH na Exposição Comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil.
Design de Exposições.

1966

Exposição ICESA. Edifício Ford, Lisboa.
Design de Exposições. Esboceto.

Stand Longra na Feira Internacional de Lisboa.
Design de Exposições.

Comemorações Abrantinas, Abrantes.
Arquitectura efémera.

1967

Exposição Metalúrgica da Longra, Airborne. Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa.
Design de Exposições.
Colaboradores: Eduardo Afonso Dias e Tomás de Figueiredo

1968

Representação de Portugal na Hemisfair 68. Texas World Fair. San Antonio, EUA.
Design de Exposições.
Coordenação: Thomaz de Mello.

1969

Pavilhão de Portugal na Expo 70, Exposição Universal de Osaka, Japão.
Arquitectura de Interiores. Design de Exposições. Em parceria com António Garcia.
Colaboradores: Jorge Vieira e Carlos Costa. Projecto geral de arquitectura: Frederico George, arquitecto.

1970

Stand do Banco Borges & Irmão na Feira Internacional de Lisboa.

Design de Exposições.

Stand Metalúrgica da Longra na II Exposição Internacional de Materiais de Construção.

Design de Exposições.

Exposição Somapre e recinto para a cerimónia de inauguração da fábrica. Tramagal.

Design de Exposições. Colaborador: Luís Corrôlo (design gráfico).

DESIGN INDUSTRIAL

1962

Linha «Cortez». Sistema de mobiliário metálico para escritório.

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas.

Colaboradores: Carlos Costa, Jaime Ribeiro e Fernando Mendes (oficina-piloto)

Linha «Prestígio». Sistemas de assentos e mesas de apoio.

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas.

Colaboradores: Carlos Costa e Fernando Mendes (oficina-piloto)

1963

Sistemas de mobiliário em madeira para habitações de funcionários bancários.

Cliente: Banco Nacional Ultramarino, Manuel Menezes, arquitecto.

Fabricante: Móveis Sousa Braga

1964

Serviço de louça em cobre

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira, Fábrica Águia

Protótipo, não produzido industrialmente

Objectos em mármore

Cliente: Mármore Parda Monteiro

Protótipo, não produzido em série

Linha «Dona»

Sistema de utensílios de cozinha em esmalte

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira, Fábrica Águia. eng. Manuel Macara, eng. Duarte Ferreira

Colaboradores: José Brandão e José Santa Bárbara

Protótipo, não produzido industrialmente

Linha «TL»

Sistema de assentos e mesas para zonas de espera

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas.

Colaboradores: Carlos Costa, Fernando Pinto e António Sampaio (oficina-piloto)

1967

Estudo para convectores eléctricos

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira. Calorel

Estudo. Não produzido industrialmente

Faqueiro «Shepherd/Osaka»

Cliente: Viners of Sheffield

Proposta apresentada a concurso. Não classificada.

Produzido em 1970 pela Chromolit Portugal com a designação «OSAKA» (destinada ao restaurante do pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Osaka)

1969

Esquentador

Sugestão de forma

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira

Não produzido

Linha «Habitat 70»

Mobiliário para habitação

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas e Móveis Sousa Braga

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias, Gilberto Lopes e Cristóvão Macara

Cadeiras de plateia

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas

1970

Cadeiras em poliuretano

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas

Colaborador: John David Bear

ANEXO 4

A BIOGRAFIA DE DACIANO DA COSTA, ENTRE 1959 E 1974 (POR DATAS)

A BIOGRAFIA DE DACIANO DA COSTA, ENTRE 1959 E 1974

1959

A colaboração com Frederico George no projecto da Exposição Henriquina foi o última tarefa que desenvolveu naquele atelier onde colaborou durante 12 anos.

Abre o seu próprio atelier nos pavilhões da Avenida de Brasília, em Belém.

Ainda no decorrer do mesmo ano casa com Maria Teresa Leitão de Barros Cottinelli Telmo.

Fábrica Messa, Mem Martins. Mobiliário para o gabinete do administrador, biblioteca e sala de reuniões. EXEC.

50 Artistas Independentes

Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

Exposição

1960

Exposição Henriquina. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960

Agência do Banco Nacional Ultramarino, Rossio, Praça D. Pedro V, Lisboa. Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Agência do Banco Nacional Ultramarino, Av. da Liberdade. Mobiliário e decoração.

Os Grandes Portugueses (ilustrações)

Hernâni Cidade (dir) Os Grandes Portugueses. Lisboa: Arcádia, 1960

Reitoria da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário de salas especiais (gabinete e salão do reitor, sala de pequenos banquetes, sala de reuniões do Senado, salão nobre, anfiteatro de grandes actos e sala de professores) e Aula Magna.

Colaboradores: Luís Ralha e Rogério Ribeiro

É-lhe confiado pelo arquitecto António Pardal Monteiro o primeiro grande projecto de grandes dimensões, a Reitoria e Aula Magna da Universidade de Lisboa

Nasce nesse ano a sua primeira filha

1961

Revista BINÁRIO, 1961, nº 49- *Cidade Universitária de Lisboa*

A Grande Jornada

Cenografia e figurinos

Ajudante: Manuel Jorge Pacheco Barbosa

Texto: Manuel Frederico Pressier

Encenação: Carlos Wallenstein

Executado. Levado à cena do Teatro Trindade, Lisboa

Cartaz II Exposição de Artes Plásticas. Fundação Calouste Gulbenkian

«Volfrâmio» (ilustrações)

Aquilino Ribeiro *Obra Completa Ilustrada*. Lisboa: Bertrand, 1961

Prepara um pedido de bolsa de estudo à Gulbenkian, para frequentar a Hochschule für Gestaltung, em Ulm, ou o curso de Arquitectura de Interiores numa escola em Estugarda, dirigida por Paul Nester, pedido esse que não chega a entregar.

Termina o seu Curso Superior de Pintura, com a classificação de tese final de 19 valores

1962

1962 Assistente da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (não chega a tomar posse por impedimento político)

Os professores Varela Aldemira e Manuel Lapa convidam-no para assistente da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, mas não chega a tomar posse por impedimento político

1962 – 64 Curso de Design Básico no seu atelier, onde participam como professores Frederico George, Roberto Araújo e Lagoa Henriques, com apoio material de Fernando Carvalho Seixas e da Metalúrgica da Longra, Lda.

Promove um curso de Design Básico no seu atelier. Como alunos salientam-se José Moura George, José Laranjo, Cristina Reis, João Segurado, Henrique Chicó, entre outros.

Livraria Escolar Editora

R. da Escola Politécnica, Lisboa.

Arquitectura de Interiores e mobiliário.

Banhos de S. Paulo. Travessa do Carvalho, Lisboa.

Remodelação de interiores.

Anteprojecto NÃO EXEC.

Representação da CML no XXVI Congresso FIHUAT, Paris.

Design de Exposições

Inicia a sua colaboração na Metalúrgica da Longra, a convite de Fernando Seixas. Desenvolve boa relação profissional com os técnicos e operários da fábrica, eng. João Martins, Carlos Costa, Miguel Silva, Jaime Ribeiro, Fernando Mendes e Albino Teixeira.

Linha «Cortez». Sistema de mobiliário metálico para escritório. Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas. Colaboradores: Carlos Costa, Jaime Ribeiro e Fernando Mendes (oficina-piloto)

Linha «Prestígio». Sistemas de assentos e mesas de apoio. Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas. Colaboradores: Carlos Costa e Fernando Mendes (oficina-piloto)

O Telefone

Cenografia

Cliente: Companhia de Ópera de Câmara da Fundação Calouste Gulbenkian

Ópera de Câmara de Giancarlo Menotti

Encenação: Carlos Wallenstein

Executado. Levado à cena do Teatro de São Carlos, Lisboa

História de Um Soldado

Cenografia

Cliente: Companhia de Ópera de Câmara da Fundação Calouste Gulbenkian

Ópera de Câmara de Igor Stravinsky

Encenação: Carlos Wallenstein

Executado. Levado à cena do Teatro de São Carlos, Lisboa

O Castelo do Barba Azul

Cenografia

Cliente: Companhia de Ópera de Câmara da Fundação Calouste Gulbenkian

Ópera de Câmara de Bela Bartok

Encenação: Carlos Wallenstein

Executado. Levado à cena no Coliseu dos Recreios, Lisboa

Prémio Constantino Fernandes

Academia Nacional de Belas-Artes

Prémio para alunos com classificação máxima em Pintura

Prémio Ferreira Chaves

Escola de Belas-Artes de Lisboa

Prémio Escolar para alunos com classificação máxima em Pintura

Em Paris visita a École des Arts Appliqués à l' Industrie, onde conhece Henry Viennot, director da escola. Visita também o seu atelier, *Technès*, e aí conhece os designers Roger Tallon e Jacques Parthenay.

1963

Integração do Artista Plástico na Sociedade, por Daciano da Costa, In ESBAL 63

Sede do Banco Nacional Ultramarino / Sala de jantar da Administração. Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Sede do Banco Nacional Ultramarino, Lisboa

Assentos para zonas públicas

Stand Mocar

Av. António Augusto de Aguiar, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Anteprojecto NÃO EXEC.

Loja PFAFF, R. Garrett, Lisboa

Arquitectura de Interiores e desenho de fachada

Teatro Villaret.

Av. Fontes Pereira de Melo, Lisboa

Arquitectura de Interiores e equipamento. Arquitectura de cena. Design gráfico.

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias, José Brandão e Cristina Reis.

MDF, Serviços Administrativos

R. Filipe Folque, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira

Biblioteca Nacional de Lisboa

Campo Grande, Lisboa

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário em áreas especiais (sala de catálogo, sala de leitura geral, cafeteria do público, salão nobre, auditório)

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias, Carlos Costa e Gilberto Lopes

Teatro Dr. Manuel de Arriaga, Funchal.

Estudo de Implantação da plateia

Colaboradores. Carlos Costa

Proj. geral de interiores: Cruz de Carvalho

Stand Longra na Feira Internacional de Lisboa

Design de Exposições. Lançamento das linhas «Cortez» e «Prestígio»

Pavilhão de Portugal na Exposição Comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro

Av. Do Chile, Rio de Janeiro, Brasil

Arquitectura de Interiores e equipamento do cineteatro

Colaboradores: Cristina Reis

Projecto geral: Frederico george, arquitecto

Sistemas de mobiliário em madeira para habitações de funcionários bancários.

Cliente: Banco Nacional Ultramarino, Manuel Menezes, arquitecto.

Fabricante: Móveis Sousa Braga

Visita o Design Center de Londres

1964

Revista ARQUITECTURA 1964, nº 82 - *Novo Mobiliário de Escritório da Metalúrgica da Longra*

Exposição de Material Cirúrgico

Design de Exposições

Esboçeto.

Stand da Indústria Farmacêutica na Feira Internacional de Lisboa

Design de Exposições

Serviço de louça em cobre

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira, Fábrica Águia

Protótipo, não produzido industrialmente

Objectos em mármore

Cliente: Mármore Pardo Monteiro

Protótipo, não produzido em série

Linha «Dona»

Sistema de utensílios de cozinha em esmalte

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira, Fábrica Águia. eng. Manuel Macara, eng. Duarte Ferreira

Colaboradores: José Brandão e José Santa Bárbara

Protótipo, não produzido industrialmente

Linha «TL»

Sistema de assentos e mesas para zonas de espera

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas.

Colaboradores: Carlos Costa, Fernando Pinto e António Sampaio (oficina-piloto)

O Impostor Geral

Cenografia e figurinos

Texto: Nikolai Gogol, adaptado por José Mata, Raul Solnado e Carlos Wallenstein

Encenação: Francisco Ribeiro

Executado. Levado à cena na inauguração do Teatro Villaret, Lisboa

Manual de Normas Gráficas MDF

Design Gráfico

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira

Colaborador: José Brandão

Manual de Normas Gráficas Forjal
Design Gráfico
Cliente: Oliveira & Ferreirinhas / Forjal

Salão de Design
Feira Internacional de Lisboa
Organização do Pintor Thomaz de Mello

Participa no processo de modernização da Metalúrgica Duarte Ferreira, que a Paul Planus, empresa francesa, aí leva a cabo, com o impulso dos engenheiros Manuel Macara e Rui Duarte Ferreira. Aqui introduziram-se os princípios de scientific management na gestão e na produção. Daciano da Costa ensaia o redesenho de alguns produtos da empresa como charruas, máquinas para trabalhos agrícolas e ceifeiras-debulhadoras.

1965

Revista ARQUITECTURA 1965, nº 86 - *Teatro Villaret*, por Daciano da Costa
nº 88- *Exposição Internacional de Industrial Design*
nº 86- *Notícia da Curso de Formação Artística da S.N.B.A*

Representação do GTH na Exposição Comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil
Design de Exposições.

Manual de Normas Gráficas Oliveira & Ferreirinhas
Design Gráfico
Cliente: Oliveira & Ferreirinhas
Colaborador: José Brandão

Exposição Internacional Industrial Design
Lisboa
Organização do Instituto Nacional de Investigação Industrial

Exposição de Março / Artes Gráficas
Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

Desloca-se regularmente à Metalúrgica da Longra, em Felgueiras, acompanhando algumas vezes pelo arquitecto Carlos Ramos.
Nesse ano viaja ao Brasil para a construção do auditório do Pavilhão de Portugal na Exposição Comemorativa do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro

1966

Revista ARQUITECTURA 1966, nº 92 - *Informação do Mercado. Especificação de materiais da linha Cortez*

Revista BINÁRIO 1966, nº 92 - *Teatro Villaret, instalações técnicas especiais e acústica*, por António de Oliveira Correia

Teatro Villaret, projecto da decoração, por Daciano da Costa. In Binário, 1966, nº 93

Sala de Exposições ICESA

Av. D. Carlos I, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Agência do Banco Borges & Irmão

Av. Da Liberdade, Praça dos Restauradores. Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Restaurante Panorâmico do Monsanto, Lisboa

Equipamento e mobiliário

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

MDF Divisão Berliet

Av. Marechal Gomes da Costa, Lisboa

Arquitectura de Interiores de escritório e refeitório

Agência do Banco do Alentejo. Av. Da República, Lisboa. Arquitectura de Interiores e mobiliário

Colaboradores: Gilberto Lopes

Cabeleireiro Estrela

R. Marquês da Fronteira, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Ministério das Corporações

Praça de Londres, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário das zonas nobres

Projecto geral de interiores: Frederico George, arq.

Casino do Estoril

Praça Teodoro dos Santos, Estoril

Arquitectura de Interiores e mobiliário do salão restaurante e de espectáculos, cineteatro e wonder-bar

Colaboradores: Jorge Vieira e Eduardo Afonso Dias

Fundação Calouste Gulbenkian, Edifício Sede e Museu

Av. De Berna, Lisboa

Arquitectura de interiores, equipamento e mobiliário da biblioteca, cafetaria, vestíbulo. Átrio interior do Museu, foyer e bar do Grande Auditório, zonas de refeições para funcionários, Direcção e Administração; plateia dos pequenos auditórios

Colaboradores: Jorge Vieira e Cristóvão Macara

Trabalha aqui directamente com os arquitectos Pedro Cid, Ruy d' Athouguia e Alberto Pessoa e acaba por estabelecer um convívio com a equipa de técnicos da Fundação: Sommer Ribeiro, Vítor Manaças, Arménio Silva, Fernando Libório e com os engenheiros Guimarães Lobato, Santos Machado, Camacho Simões, Pereira Lucas, Ramos Lopes e Carlos Vidal.

Hotel Alvor Praia. Alvor, Algarve

Arquitectura de Interiores e mobiliário do grill e do coffee-shop da piscina

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

Exposição ICESA

Edifício Ford, Lisboa

Design de Exposições

Esboçeto.

Stand Longra na Feira Internacional de Lisboa

Design de Exposições

Comemorações Abrantinas, Abrantes

Arquitectura efémera

Normas Gráficas Longra

Design Gráfico

Cliente: Metalúrgica da Longra / Fernando Seixas

1967

Revista ARQUITECTURA 1967, nº 98- *Banco do Alentejo*, por M. João Leal
nº 100- *Hotel Alvor-Praia*

Exposições de móveis Longra – Airborne, por M. João Leal

Professor dos Cursos de Formação Artística, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde lecciona Design durante o ano lectivo de 1967-68. O corpo docente é constituído pelo Dr. José-Augusto França, eng. Santos Simões, esc. Fernando Conduto, pintor Sá Nogueira, arq. Manuel Tainha, arq. Sena da Silva e arq. João Ruella Ramos

Cinema Condes

Praça dos Restauradores, Lisboa

Reconstrução dos interiores

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

Agência do Banco do Alentejo

Av. Da Liberdade, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Anteprojecto. Não EXEC.

Delegação do Banco Borges & Irmão

R. Sá da Bandeira, Porto

Arquitectura de Interiores e equipamento

Exposição Metalúrgica da Longra, Airborne

Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

Design de Exposições

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias e Tomás de Figueiredo

Hotel Monchique, Monchique

Mobiliário

Não EXEC.

Estudo para convectores eléctricos

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira. Calorel

Estudo. Não produzido industrialmente

Faqueiro «Shepherd/Osaka»

Cliente: Viners of Sheffield

Proposta apresentada a concurso. Não classificada.

Produzido em 1970 pela Chromolit Portugal com a designação «OSAKA» (destinada ao restaurante do pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Osaka)

1968

Revista Casa & Decoração, 1968, nº 4 - *A Obra Polimórfica de Daciano Costa*

Revista ARQUITECTURA 1968, nº 102- *O novo Casino Estoril*, por M. João Leal

Revista BINÁRIO 1968, nº 114 – *A decoração do Hotel Alvor-Praia*

nº 116 - *O novo Casino do Estoril*

nº 116 - *O projecto de decoração interiôr e mobiliário do novo Casino do Estoril*, por João F. S. Barrento

Agência do Banco do Alentejo

Praça do Giraldo, Évora

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Cineteatro do Centro Cultural de A Tabaqueira, Albarraque

Arquitectura de Interiores e equipamento

Projecto. geral de interiores: António Garcia. EXEC.

Fundação Calouste Gulbenkian, Edifício-sede

Av. De Berna, Lisboa

Sistema de mobiliário de escritório para os Serviços

Cliente: Metalúrgica da Longra / Fernando Seixas

Protótipo. Não produzido industrialmente.

Snack-bar, Santo António dos Cavaleiros

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

Loja Longra

Av da República, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias e Carlos Costa

Agência do Banco Borges & Irmão

R. de Sampaio Bruno, R. do Bonjardim, Porto

Remodelação de Interiores

Agência do Banco Borges & Irmão

R. Júlio Dinis, Porto

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias

Agência do Banco do Alentejo

Largo D. João da Câmara, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Colaboradores: Oterelo dos Santos

NT/NV Angra do Heroísmo.

Remodelação dos interiores do navio.

Não EXEC.

Representação de Portugal na Hemisfair 68. Texas World Fair. San Antonio, EUA

Design de Exposições

Coordenação: Thomaz de Mello

Em Nova Iorque vê a Guernica, de Picasso, e a colecção de design do Museum of Modern Art

1969

Revista Casa & Decoração, 1969, nº 8 - *Habitat 70*
Nº 10 - *Linha Habitat 70, Mobiliário do Nosso Tempo*

Revista Colóquio, 1969, nº 56, *As Instalações da Fundação Calouste Gulbenkian*, por Luís G. Lobato. In,

Revista ARQUITECTURA 1969, nº 111 - *Fundação Calouste Gulbenkian*

Revista BINÁRIO 1969, nº 127- *Biblioteca Nacional*

Filmes Castello Lopes, *Instalações da Sede*
Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário das salas de reunião e de espera

Agência do Banco do Alentejo
Edifício ICESA, Sines
Arquitectura de Interiores

Aeroporto de Lisboa
Aerogare, Corpo Sul, Lisboa
Projecto para postos de venda

Cine Berna
Av. de Berna, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja Longra
R. da Escola Politécnica, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Cidla / *Instalações da Sede*
Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa
Arquitectura de Interiores do átrio e zonas públicas

Loja RIMA
Av 5 de Outubro, Lisboa
Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Pavilhão de Portugal na Expo 70 / Exposição Universal de Osaka
Osaka, Japão

Arquitectura de Interiores. Design de exposições

Em parceria com António Garcia

Colaboradores: Jorge Vieira e Carlos Costa

Projecto geral de arquitectura: Frederico George, arq.

Esquentador

Sugestão de forma

Cliente: Metalúrgica Duarte Ferreira

Não produzido

Linha «Habitat 70»

Mobiliário para habitação

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas e Móveis Sousa Braga

Colaboradores: Eduardo Afonso Dias, Gilberto Lopes e Cristóvão Macara

Cadeiras de plateia

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas

Em Paris visita a exposição «Bauhaus: 1919-1969»

O seu atelier adquire nova morada: Travessa Condessa do Rio, em Lisboa.

Nas décadas de 60 e 70 visita frequentemente as feiras internacionais de mobiliário de Paris, Colónia e Copenhaga, como refere em entrevista. Acompanham-no nestas viagens Fernando Seixas, José Espinho, António Garcia, José Domingos de Sousa Braga e José Pedro Olaio.

1970

Revista ARQUITECTURA 1970, nº 114 - *Concurso SPAL*, por M. João Leal

«Perfil Sereno, Ar Simpático. Características do Nosso Pavilhão em Osaka» Diário de Lisboa.
16 Mar. 1970

«Entrevista a Daciano da Costa e Nuno Portas». Rádio Renascença. 1970

Igreja de Nossa Senhor de Fátima / Capelas Mortuárias
Av. de Berna, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Gabinete da Ponte sobre o Tejo
Equipamento
Cliente: Metalúrgica da Longra / Fernando Seixas

Cinema Tivoli
Cadeira de plateia
Cliente: Metalúrgica da Longra / Fernando Seixas
NÃO EXEC.

Banco de Angola
Blocos para caixa
Cliente: Metalúrgica da Longra / Fernando Seixas

Loja Jack Pot
R. da Trindade, Largo de Bordalo Pinheiro, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Agência do Banco do Alentejo
Estoril
Arquitectura de Interiores

Hotel Madeira Hilton / Madeira Palácio
Madeira
Arquitectura de Interiores e mobiliário para o átrio, zonas de público e restaurante-grill
Colaborador: Jorge Cid

Sociedade Financeira Portuguesa, Lisboa

Sistema de mobiliário para gabinetes
Projecto geral de interiores: Frederico George e Manuel Salgado, arq.

Livraria Opinião
R. Nova da Trindade, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Loja Garantia Funchalense
Av. da República, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Stand do Banco Borges & Irmão na Feira Internacional de Lisboa
Design de Exposições

Stand Metalúrgica da Longra na II Exposição Internacional de Materiais de Construção
Design de Exposições

Exposição Somapre e recinto para a cerimónia de inauguração da fábrica
Tramagal
Design de Exposições
Colaborador: Luís Corrôlo (design gráfico)

Cadeiras em poliuretano
Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas
Colaborador: John David Bear
Protótipo. Projecto não desenvolvido

Louças SPAL
Serviço de mesa, chá e café em porcelana
Cliene: SPAL – Sociedade de Polcelanas de Alcobaça, Lda.
Colaboradores: Cristóvão Macara e Oterelo dos Santos
Primeiro classificado no concurso DESIGN SPAL
Protótipo. Não produzido industrialmente

Com Frederico George, António Garcia e Carlos Costa viaja ao Japão para preparar a montagem do Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Osaka. Visita Quioto, Nara e Tóquio, e Macau e Hong Kong, de passagem.

Neste ano nasce a mais nova das suas 5 filhas.

1971

Revista BINÁRIO 1971, nº 148 - *O concurso de design SPAL*, por João Constantino

nº 152 - *Algumas considerações sobre a 1ª Exposição de Design Português*, por João Constantino

nº 159 - *1º FILEME*

Escritório Lintas

Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Escritório Urbifer

Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Aeroporto de Lisboa / Sala de jantar da Administração e Direcção

Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

EXEC.

Loja Sopinol

Av 5 de Outubro, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Apartamentos d' Assunção

Cascais

Arquitectura de Interiores

Grande casino Peninsular

Figueira da Foz

Remodelação dos interiores e mobiliário da sala de jogo, salão de festas e restaurante;
equipamento cénico

Colaboradores: Manuel Pina, Cristóvão Macara e Rui Martins (equipamento cénico)

Reintegração do Cinema Império

Lisboa

Intervenção provisória no foyer do 1º balcão

Escritório Finalgarve, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja TAP

Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário

Boutique TAP no Hotel Madeira Hilton

Funchal

Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Centro de Documentação

Avenida do Brasil, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário da sala de congressos, salas de reuniões, vestíbulo principal, biblioteca, cafetaria, sala de exposições

Colaboradores: Cristóvão Macara, Carlos Costa e Oterelo dos Santos

Hotel Altis

R. Castilho, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário de quartos, suites e áreas públicas (recepção), restaurantes, bares, salas de reuniões. Design gráfico. Figurinos de uniformes para funcionários

Colaboradores: José Beja Falcão, Jorge Cid, Fernando Lemos Gomes, José Barros Gomes, Guilhermina Campos, Beatriz Alçada (design gráfico, figurinos de funcionarios), Praxis (design gráfico)

Finalgarve, Escritórios e salas de exposição, Vilalara

Arquitectura de Interiores

Finalgarve, Sala de exposição, Hotel Algarve

Arquitectura de Interiores

Finalgarve, Escritórios e salas de exposição, Estalagem de S. Jorge

Arquitectura de Interiores

Finalgarve, Zepalgarve

Praia da Rocha, Portimão

Implantação de mobiliário

Hotel Penta, Lisboa

Arquitectura de Interiores, mobiliário e design gráfico em áreas públicas (recepção e circulações, restaurantes, salas de reuniões), quartos e suites.

Colaboradores: Cristóvão Macara, Oterelo dos Santos, Guilhermina Campos e Jorge Cid.

Projecto geral de arquitectura: Frederico George e Manuel Guimarães, arq., com Daciano da Costa

Apartamentos Intersol, Funchal
Arquitectura de Interiores e equipamento
Colaboradores: Guilhermina Campos e Jorge Cid

Linha «Dfi»
Sistema de mobiliário para escritório
Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas
Colaboradores: Carlos Costa, Cristóvão Macara, Fernando Pinto e José Góis

Cadeiras de plateia modelos «Sete», «Flamingo» e «Orquídea»
Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas

1ª Exposição de Design Português
Feira Internacional de Lisboa; Palácio da Bolsa, Porto
Organização do Instituto Nacional de Investigação Industrial e Interforma
Lisboa: INII / Instituto Nacional de Investigação Industrial, 1971

1ª Exposição de Design Português- catálogo
Lisboa: INII / Instituto Nacional de Investigação Industrial, 1971

Concurso de Design SPAL
Primeiro classificado
Júri constituído pelo doutor José-Augusto França e pelos arquitectos Conceição Silva e Fernando Távora

1972

Revista ARQUITECTURA 1972, nº 126 - *A 1.ª Exposição da AICA portuguesa*, por José-Augusto França

Revista BINÁRIO 1972, nº 163 - *IADE*
nº 167/168 - *Exposição AICA - 1972*

Loja das Malhas
R Nova do Almada, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Boutique TAP no Hotel Sheraton, Funchal
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Boutique TAP no Hotel Sheraton, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Casino Park Hotel, Funchal
Arquitectura de Interiores, mobiliário e design gráfico. Hotel, restaurante, grill, coffee-shop.
Casino provisório; casino: salas de jogo, bares, restaurante. Cineteatro e salas de congressos;
Boîte; Sala de Bingo
Colaboradores: Jorge Cid, Guilhermina Campos, Fernando Lemos Gomes, José Pereira e Pedro Graça.

Projecto que realiza com o arquitecto Viana de Lima, no Funchal.

Delegação TAP em Toronto, Canadá
Remodelação de interiores

Delegação TAP em Montreal, Canadá
Remodelação de interiores

Loja TAP. Madrid
Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário. Sinalização exterior

Boutique TAP no Hotel Holiday Inn, Funchal
Arquitectura de Interiores e mobiliário
Palácio Sotto Mayor, Figueira da Foz

Projecto de recuperação e restauro

Não EXEC.

Maple com casco em poliéster

Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas

Não produzido.

Grafismos TAP

Design Gráfico

1ª Exposição da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte

Sector coordenado pelo arquitecto Carlos Duarte

Seleccionado em conjunto com Sena da Silva

Lisboa: Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte, 1972

Expo AICA SNBA 1972 - catálogo

Lisboa: Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte, 1972

«*O Lugar do Design*», por Carlos Duarte

1973

Revista Gráfica 70, 1973, nº 3 - *O design que há*

Revista ARQUITECTURA 1973, nº 127-128 - *A Linha DFI no equipamento do moderno Edifício Castil*

Revista BINÁRIO 1973, nº 183- *Um Hotel em Lisboa – Hotel Altis*, por João Constantino

Sempre vivemos rodeados de objectos, por Daciano da Costa, designer. In, catálogo da 2ª Exposição de Design Português, 1973.

Loja TAP. Funchal

Arquitectura de Interiores e mobiliário. Desenho da fachada

Hotel Figueira Praia, Figueira da Foz

Arquitectura de Interiores

Projecto geral de arquitectura: Frederico George e Manuel Guimarães, arq., com Daciano da Costa

Anteprojecto, Não EXEC.

Lojas Jerónimo Martins, Lisboa

Projecto de remodelação. Arquitectura de Interiores e mobiliário

Lisboa Hilton Hotel

Av Calouste Gulbenkian, Lisboa

Arquitectura de Interiores e mobiliário

Não EXEC.

Cinema, Miratejo

Colaborador: Jorge Cid

Não EXEC.

Armazéns do Chiado

R do Carmo, Lisboa

Projecto de remodelação

Não EXEC.

Edifício São Jorge, Lisboa

Arquitectura de Interiores

Colaboradores: Oterelo dos Santos (anteprojecto) e Filipe Cerdoso (projecto de execução).
EXEC.

Loja Marblarte, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja Alcobia, Lisboa
Arquitectura de Interiores
Estudo Prévio, Não EXEC.

Linha de acessórios para escritório em mármore branco
Cliente: Marblarte

Selos Comemorativos do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas»
Design Gráfico
Cliente: CTT

2ª Exposição de Design Português
Feira Internacional de Lisboa
Guião e projecto de Sena da Silva
Organização do Instituto Nacional de Investigação Industrial

2ª Exposição de Design Português- catálogo
Lisboa: INII / Instituto Nacional de Investigação Industrial, 1971

1974

Revista ARQUITECTURA 1974, nº 129 - *Entrevista a Daciano da Costa*, conduzida por José Saramago

[Saramago, José]

«Entrevista com Daciano da Costa» *Arquitectura*. Abr. 1974, nº 129

Centro Comercial Eurodomus, Lisboa
Remodelação de interiores

Escritórios da Comundo, Lisboa
Arquitectura de Interiores

Boutique TAP no Hotel Penta, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário

Loja TAP, Paris
Arquitectura de Interiores e mobiliário. Sinalização exterior

Novas linhas de mobiliário metálico
Cliente: Metalúrgica da Longra, Fernando Seixas
Estudo preliminar

Funda a empresa «Risco», em associação com a Companhia de Seguros Império, que tinha como objectivo implantar uma estratégia de design nas empresas adquiridas pela seguradora e especialmente orientada para o desenvolvimento de projectos de design industrial, design de exposições e design gráfico. Trabalham aí António Garcia, Cruz de Carvalho, Cristóvão Macara, Fernando Conduto, Fernando Lemos Gomes, Vasco Lapa, Luís Corrôlo, Celso Rodrigues, Beatriz Alçada e o fotógrafo Luís Filipe.

1975

Revista BINÁRIO 1975, nº 197 - *Hotel Altis*
nº 204 - *Lisboa Penta-Hotel*, por Frederico George

Loja TAP, Nova Iorque
Arquitectura de Interiores, equipamento e mobiliário. Sinalização exterior

Delegação da TAAG, Lisboa
Arquitectura de Interiores e mobiliário. Sinalização exterior. Imagem gráfica da empresa.
Colaborador: Jorge Cid

Delegação da TAP em Caracas, Venezuela
Arquitectura de Interiores e mobiliário. Sinalização exterior

Centro Português de Caracas, Venezuela
Arquitectura de Interiores
Anteprojecto, Não EXEC.

Habitação Social, Madeira
Arquitectura de Interiores
Proposta de concurso. Não EXEC.

Linha «Mitnova»

Cadeira de plateia desmontável
Não prod.

Programa de mapas com estrutura tubular metálica
Não prod.

Linha de móveis em painéis para habitação
Não prod.

ANEXO 5

DEPOIMENTO DE DACIANO DA COSTA
ABRIL DE 2002

DEPOIMENTO DE DACIANO DA COSTA

18 de Abril de 2002

QUESTÕES COLOCADAS

1. É referido, numa parte de um texto do catálogo, *Daciano da Costa, Designer*, a presença de Daciano, ao longo das décadas de 60 e 70, em várias Feiras de Mobiliário na Europa. Podia especificar quanto a datas, locais e outras impressões?
2. No artigo, *Daciano da Costa, trinta anos de design*, são referidas experiências que realizou em oficina, com diversos materiais, que depois utilizava, ou não, nos projectos. Para além dos materiais nobres, como madeiras, pedra, etc., fez experiências com alguns materiais mais recentes, como por exemplo o poliuretano e poliéster, bastante explorados ao nível internacional. Porque razão as experiências que realizou com poliuretano nunca chegou a ser executada?
3. Ao longo de duas décadas, o atelier funcionou em dois espaços. De certo, muitos foram os colaboradores, que aliás são referenciados no catálogo, as áreas profissionais que desenvolviam, os métodos de trabalho em conjunto. Relembrando as diferentes equipas, e consoante a experiência que ia adquirindo ao longo do tempo, os projectos em simultâneo, e as diferentes pessoas que lá colaboravam, como se procedia à metodologia de trabalho?
4. Quais as revistas, nacionais e internacionais, que lia na altura?
5. Que importância tinham para o dia-a-dia do atelier? Recorria a estas fontes na resolução dos projectos?
6. Quais as obras teóricas que teve como referência, não só no campo profissional, mas também cultural?
7. Quais foram os acontecimentos, ao nível do design internacional, ao longo dessas duas décadas, que mais marcaram a actividade projectual que desenvolveu? (Ao nível formal, metodológico, tecnológico, etc.)

8. Em entrevista com Batista Bastos, conversam em determinada altura sobre o regime opressivo, também para a criação artística, antes do 25 de Abril, tendo sido muitos os artistas que sentiram essas limitações. No caso do design que produzia, de alguma forma houve projectos que sofreram mutilações políticas? Ou, pelo contrário, sempre fez aquilo que lhe apeteceu?
9. Que alterações trouxe ao design que fazia, a mudança do regime político, em 1974?
10. Houve uma época em que a maioria dos projectos que realizava para Hotéis, como para o Hotel Aviz, Hotel Figueira Praia, Lisboa Hilton Hotel, em 1973, não eram executados. Que implicações estiveram na base dessas não concretizações?
11. Em 1966 terminou a dedicação a projectos exclusivamente de design gráfico, e antes disso, em 1964, tinha feito o último projecto para figurinos e cenários. Porque razão abandonou estas actividades?

Nesse período tinham uma grande importância as exposições e as feiras, pois não havia, na altura, os sistemas de comunicação instantâneos que há agora, havia as revistas, não é? Na altura, não havia representações das empresas, não havia catálogos, não havia uma comercialização dessas coisas, e sobretudo, o tipo de negócios que se fazia eram muito feira a feira, quer dizer, as pessoas comercializavam aqui, os industriais iam lá para copiar os produtos, os designers também, e para ver as modas, não é? Vamos ver as últimas modas, mas não havia, de modo nenhum, facilidade em comunicar tão instantaneamente quanto agora e as feiras eram importantes. As feiras perderam importância quando apareceu o fax e sobretudo quando apareceu esses modos de comunicação informatizados. Aí, as próprias feiras, como organizações, entraram também em crise, elas próprias, não é? E os congressos a mesma coisa.

Eram muito necessários esses encontros entre profissionais. Nesse período, dos anos 60 e 70, eu realmente passei a vida a laurear. Que exposições é que prioritariamente se visitaram? Era assim, para já, eram as exposições de mobiliário em Copenhaga, onde se fazia uma «peregrinação», acompanhados, era o José Espinho, o António Garcia, o Sousa Braga, o tipo da Olaio, também. Fazíamos grandes peregrinações aos locais de «culto». Depois havia a feira de Colónia, de mobiliário, que era uma coisa gigantesca. Depois havia uma mais especializada, que era o CICOB, em Paris, que era uma Salão de Mobiliário de Escritório, em Paris, e também não falhei uma. Depois havia a Eurodomus, em Itália, o Salão do Móvel Italiano. E havia algumas em Frankfurt, mas aí não fui tão regularmente, que eram as de máquinas de trabalhar a madeira e de trabalhar o metal. Depois havia, em Lisboa algumas lojas, e não muitas, que já tinham algumas representações, uma delas era a Electro luminosa, do Sr. Guerra, que tinha um mobiliário moderno. Havia uma primeira loja onde se calhar valia a pena você dar uma volta nesse assunto, que teve um papel importante, e que foi a Décor, que era de um arquitecto, do Manuel João Leal, que fez uma primeira loja de mobiliário moderno, na Av. Pedro Álvares Cabral, foi assim uma primeira coisa, que era uma galeria com os objectos todos.

O Tom instigou uma primeiríssima exposição que era aquela feita pelo Conceição Silva, na Jalco, que era, nalgumas dependências também do Tomás de Melo. Essa exposição foi assim a primeira, ainda antes da Décor, não é? O que é facto é que não se pode saber qual foi a primeira cerveja sem álcool que se fabricou, está a ver? O que é facto é que houve alguns factos estruturantes, e que foram um

apoio importante, e que foram, para além dessa, a Décor, a Casa Jalco, terá sido depois a Lartécnica, no Largo de S. Carlos e até a loja do Olaio, com mobiliário que era exposto com uma certa coerência também, e a Altamira, mas isso já vem tudo um pouco depois. Mas a Altamira, de José Cruz de Carvalho, é talvez a primeira empresa que tem assim um programa de mobiliário com uma imagem própria, com um programa, julgo que em 1959, ou 60, que o José Cruz de Carvalho fez a Altamira, não é? Mesmo antes da Longra. Depois eu trabalhei na Longra, com o mobiliário metálico. Também o Olaio, que já há muito tempo fazia mobiliário, de muito boa qualidade. Com esses exemplos o José Espinho conseguiu dar ainda uma certa volta aquilo, e passou a ter uma qualidade diferente. Passou a ter mais design do que decoração, passada à madeira, não é?

A fábrica não produziu mobiliário em poliéster e poliuretano porque não tinha condições para o efeito. Ficaram em projecto algumas dessas intenções, porque não estavam reunidas as condições técnicas, na produção.

Sistemas de organização do trabalho é uma expressão que substitui a palavra metodologia. Eu não sei se foram seguidas muito sistematicamente, não foram de certeza, embora houvesse algumas tentativas. Os tais métodos sistemáticos do projecto, que aliás são contemporâneos desse seu período. É nos anos 60 que se manifestam as metodologias do projecto, sem dúvida. Agora, nós tivemos foi mais uma certa capacidade de organizar a produção, organizar o trabalho, não é? E fazendo com que as pessoas participassem num nível em que era natural participarem, porque houve sempre uma componente didáctica, ou pedagógica, do trabalho da equipa, e portanto fomos inventando em conjunto certas coisas. Mesmo as tais metodologias do projecto caíram cá através de uma revista que trazia as metodologias do projecto, e que depois foi traduzido pelo José Brandão, para português, e depois a gente usou e não usou, assim um b formando e bocado fragmentado tudo isso, não é? Não tínhamos ainda, nem formação nem cultura para poder ir mais longe do que isso. E funcionávamos um pouco como os artesãos funcionavam, a divisão do trabalho, tu fazes aquilo, tu fazes aquele outro, tu és bom a fazer, fazes tu, eu faço aquilo. A gente ia-se desenvolvendo, aprendendo uns com os outros. De certo modo, os grandes princípios formais estabeleciam-se, para a resolução do problema, em princípio, era eu que estabelecia, mas conversando com os outros, eu sou um grande falador, um grande gralha, e portanto era sempre falando com os outros que isso era feito, não é? Mas de certa forma, há uma coisa que é

importante, é que não era tanto por protagonizar o trabalho da equipa, é porque era o responsável, era comigo que as pessoas vinham ter para me encomendar o trabalho, e portanto era natural que houvesse uma sobreposição minha em relação a outros, a determinar os princípios gerais a seguir, quer formais, quer organizativos do trabalho, não é? E depois as pessoas iam desenvolvendo, iam participando activamente, e contribuindo para melhorar as soluções que estavam pensadas. Se calhar as coisas eram um pouco mais organizadas do que eu estou aqui a dizer, mas tudo se passava dentro de um grande espírito artesanal. O atelier foi crescendo e foi-se sempre fazendo um esforço para manter as coisas por cá, quer dizer, sempre tive interesse em que as pessoas ficassem por cá. As pessoas não vinham cá fazer biscates e depois iam-se embora, era raro acontecer isso. O projecto é um processo participado.

Ainda hoje, há revistas que eu considero que são a minha época, tenho trinta anos destas revistas. Fora o design, que deixei de assinar e a MD, a Domus mantém-se, e por outro lado também. Quando começou a haver trabalho que justificava que participassem mais arquitectos, passei a assinar revistas de arquitectura, até por gosto meu, também.

Quando fui ensinar para a Escola de Belas-Artes, para a Faculdade de Arquitectura, fui ensinar desenho a arquitectos e foi necessário reciclar-me na arquitectura também. Para poder ter uma linguagem comum com eles, e para poder estar mais dentro da arquitectura, porque até aí eu estava mais por dentro das artes plásticas e do design. Por isso também se assinaram revistas de arquitectura a partir daí, aliás, já se assinavam antes. A AJ já se assinava há mais tempo, o Arquitectos Jornal Design também, a Arquitectural Review, depois de 73, mas isso tem algum interesse porque corresponde à minha própria época, não é? E depois havia outras coisas, como ir ao Brasil e trazer algumas revistas, a mesma coisa na Alemanha e a outros países, pontualmente, sem serem sistemáticas e sem assinaturas. Para o trabalho no atelier era a Domus, a Design, a MD, uma revista italiana, uma revista inglesa e uma revista alemã. E havia depois o Arquitectural Journal. Dessa época, aquilo que foi marcante foram estas revistas, não é? A Ottagono também, a Forma Espanhola, que depois desisti, e havia uma outra, a Esthétique Industriel, também, e que também acabou. Das revistas portuguesas, era a Binário e a Arquitectura, e havia ainda outra que era sobre iluminação, da Philips.

Em relação a obras escritas...se me perguntar por pessoas é mais fácil. Tiveram importância as pessoas com quem eu me relacionei, quer na fase de ser

colaborador delas, quer depois disso, não é? Houve pessoas que tiveram uma importância muito grande na minha forma de olhar para este mundo das coisas e dos espaços. Foi o Frederico George, foi o Rocha Correia, o Jorge Vieira, foi o Sá Nogueira, o Pedro Cid, muito, e depois algumas outras pessoas mais obscuras, não é? Le Mattre de Carvalho, era um pintor, e depois a camaradagem com o Espinho e com o António Garcia e com o Sena da Silva, teve importância. Tiveram mais importância essas pessoas do que outras coisas. E depois alguns livros decisivos para mim, só não lhe sei dizer é quais.

Para além das viagens de negócios, havia outras viagens que foram de facto muito marcantes, não é? A primeira ida ao Brasil, para fazer a Exposição do IV Centenário de S. Paulo, a outra segunda ida ao Brasil, para fazer a Exposição do IV Centenário do Rio de Janeiro, depois a outra viagem ao Brasil para ver a arquitectura moderna brasileira, o reconhecimento que foi feito na altura, fiz lá os 24 anos, quando tive assim o primeiro choque com a arquitectura moderna, do Niemeyer, foi uma experiência muito extraordinária.

Depois, assim uma viagem mais impressionante, mas mais recente, foi a viagem ao Japão, também em trabalho. A maior parte das viagens que fiz em trabalho foram mais marcantes do que as que fiz em recreio, porque houve uma relação directa com as pessoas com quem trabalhei. A Exposição de San António do Texas, nos EUA, percebi como é que os operários americanos trabalhavam, no Japão, os operários japoneses, depois as diversas montagens de exposições que eu fiz também na Alemanha, a relação com os diversos técnicos, nossos colegas da Alemanha.

Sempre fui muito patrioteiro. Tive sempre consciência das nossas limitações, mas também das nossas grandes virtudes.

Aqui houve pessoas, mais obscuras, e que tiveram grande importância para mim, houve um marceneiro António Mano, que me deu lições de marcenaria, por exemplo, depois o velho marceneiro Manuel Sousa Braga, o pai do Zeca, do José Sousa Braga, o velho marceneiro que ainda desenhava tudo em cenários, os nossos próprios projectos, por mais desenvolvidos que estivessem, ele planteava tudo num grande rolo de papel de cenário, para a gente ver, com cores diferentes, aprendi muito com ele. Na execução dos protótipos, deixava-me por a mão na massa, e essa relação, depois que passou para os operários da Longra, também, não é? Essas operações todas que se faziam, não é? Algumas era necessário exemplificar, como pespontar um estofado, por exemplo, a dimensão do ponto e a largura do pesponto, ir para a máquina para demonstrar que se podia fazer. Por outro lado, aprender com os estofadores certas coisas que eles sabiam, mais do que o contrário, não é? E as

operações mecânicas, de organização do corte da chapa, no caso dos móveis metálicos, e a maneira como aquelas operações eram feitas. A relação com o homem que praticamente depois foi co-autor comigo de alguns produtos da Longra, o Carlos Costa, que era desenhador da fábrica, que depois trabalhou anos aqui comigo e que já tinha uma grande experiência como técnico, e sabia o que se passava na produção. Fui sempre muito aproveitadinho nessas relações.

Tem um aspecto mais prático e mais pragmático nisto que é o facto de nós fazermos as coisas e aprendermos com as pessoas que as sabem fazer. Mas há uma coisa mais profunda, se calhar, que é uma espécie do nosso regresso ao passado de artesãos, antes de haver design, ter a possibilidade de fazer com as mãos certas coisas, participar na feitura de um artefacto, era aquilo que nós éramos uns anos atrás, no fundo, em gerações atrás. Se calhar agora é um marceneiro e isso está muito presente, não é? Quando nós valorizamos os aspectos da cultura da mão, os aspectos da manualidade. Quando consideramos que é tão importante nós olharmos para os objectos, para saber como é que eles foram produzidos, para os entender perfeitamente, independente do dado biográfico do macaco que o fez. As pessoas às vezes são empurradas para protagonismos que não desejavam, ou porque o desejavam em excesso e têm pudor de ser pavões, como é o meu caso. Ninguém tem melhor opinião a meu respeito do que eu, devo confessar, não é? Simplesmente tenho o pudor e a elegância de me esforçar a uma posição mais modesta, mas é com esforço que faço isso, não pense que é de outra maneira.

Mas esse fascínio pelo fazer as coisas, exerce-se muito sobre nós, o tentar perceber a sequência de operações que levaram aquele objecto que a gente não viu fazer. Ser capaz de perceber como é que aquilo é feito, interessarmo-nos por isso. (...)

Só se pode compreender o que estamos a fazer se lhe pusermos alguma perspectiva histórica e se soubermos realmente fazer a avaliação do que nos rodeia, em termos físicos, sem ser só aquilo que vem nas revistas, que eu acho uma enorme chatice, devo dizer, esta coisa de design. Estas coisas com bico assim e assado, copos espetados, copos direitos. Acho isto uma enorme maçada, esta coisa de design, não é? O que é divertido é encontrar as raízes de tudo isso.

Mas voltando aos livros, o Francastel, por exemplo, com o Arte e Técnica, e o Mumford, Arte e Técnica, Arte e Sociedade. O Argan, O Guideon, Mechanization takes Command e O Nascimento da Arte, o Pevsner, e o Zévi. Isso estruturou outras leituras, que serviram de referência para outras leituras. O Nascimento da Arte foi assim uma coisa algo extraordinária, não é? Vanguarda e Racionalidade do Tomás Maldonado e tudo o que se criou à volta da Escola de Ulm. Antes dos anos 60, as

edições da Nueva Visión, argentinas, uma editora que publicou Las décadas oscuras, do Mumford, decisivo. Do Corbu, acho que até escreve com graça, mas nunca tive pachorra para o Corbusier. Em todo o caso, há uma, Les Arts Décoratifs D' aujourd'hui, o Vers on architecture, os blocos de croquis, o modular, isso tinha muita importância, não é?

O William Morris e o filósofo da época, o Ruskin. Depois iam aparecendo coisas por aí, o Itten, o du dessins e L' Art de la peinture, L' Art de la couleur, e o Molinari. Outra coisa decisiva para mim que foi a Exposição da Bauhaus, nos anos sessenta, em Paris, foi uma coisa muito importante, como Meca para os peregrinos. Foi a confirmação daquilo que o Frederico George vinha a dizer. Há coisas que se iam ver de propósito. Sempre que ia a Nova York ia fazer as minhas orações ao ao Seagram Building, do Mies van der Rohe, não é? Sentava-me num dos muros a olhar, a fazer as minhas revisões das coisas que fazia. Houve coisas assim traumatizantes, que marcaram muito a minha idade. A estadia em S. Francisco, com os irmãos Green, com a Morgan e o Maybeck, isso é que foi uma experiência muito extraordinária, que é uma construção em madeira, uma arquitectura moderna caracterizada pelo tratamento da madeira, não é? Ea ida ao Japão também. Houve algumas viagens que foram decisivas para mim, porque a partir daí modificaram o meu quadro de reflexões, que corresponde a roturas, ou juntou, ou fiquei com outro quadro de referências.

Antes de acontecer qualquer coisa em design acontece sempre qualquer coisa antes, que não é propriamente um acto de design, e o processo de design vem na sequência desses acontecimentos, quer dizer, qualquer acto do design tem que ver com factos técnicos, históricos, que criaram essas condições para haver respostas do design. Já se deu conta do que seria um projecto sem papel vegetal? Quando os irmãos Golfier, no séc. XVII, inventaram o papel vegetal, nunca mais os projectos voltaram a ser como dantes. Um pequeno progresso, uma pequena invenção, um pequeno facto técnico modificou completamente a actividade projectual. É por aí que devemos encontrar os acontecimentos ao nível do design. Vêm sempre na sequência doutros factos técnicos, ou de novas necessidades criadas por grandes mudanças que se dão na vida das pessoas, novas necessidades que surgem no seu modo de vida, não é?

Estas duas décadas foram duas décadas chatíssimas, não aconteceu nada de notável... A Bauhaus foi muito importante, a minha ida à Escola de Ulm também foi decisiva, quando Maldonado fez a Escola de Ulm, fui lá no ano seguinte ao da abertura, aquilo ainda estava por equipar, quase, e fui lá visitar aquela história, onde

sobretudo havia aulas de design, faz ideia do que é um tipo ver como era uma aula do Maldonado, com as coisas todas lá e tudo. Foi uma coisa tão importante como aquela outra dos arquivos da Bauhaus.

Eu nunca fiz aquilo que lhe apeteceu, nenhum designer faz aquilo que lhe apetece, não é?

Conhece alguém que diga a um grande símbolo do poder e do regime, que era Marcelo Caetano, que lhe diga: Não senhor, eu não estou a fazer o seu gabinete, mas o gabinete do Magnífico Reitor, e ele então olhou para mim e disse-me: Então faça.

Houve outra, na inauguração da Exposição Henriquina, que eu fiz com o mestre Frederico George, nos anos 60, em pleno fascismo, e todos estavam a gostar muito, diziam que estava muito bem, e o mestre Frederico, a certa altura diz: Se eles gostam todos disto é porque isto não está bem.

Em Osaka, em relação a umas fotografias, e mais uma vez com o professor Marcelo Caetano. O que pretendeu numa exposição com o tema O Povo Português e tínhamos umas fotografias do povo de Lisboa, com uns rapazinhos a jogar à trapeira e tinham umas calças curtas com uns fundinhos, e o Ministro da Presidência da altura, que era o Vaz Pinto embirrava com as fotografias, e arranjou uma conspiração bestial, e eu não tirei, mas houve uma visita do Primeiro Ministro, do Presidente do Conselho de Ministros, o Marcelo Caetano, foi lá ver a exposição que estava a ser montada em Osaka, e eu já o conhecia, então quando ele se chegou ali ao pé das fotografias, eu disse: Há pessoas que acham que isto não está bem, com as crianças com os fundinhos rotos, e tal. E ele olhou para mim com ar severo e disse: Mas o Daciano acha que os rapazinhos de Lisboa são assim? E eu disse: Eu acho que sim. E ele então disse: Então deixe estar. Mas isso era de uma pessoa extraordinária, mas se digo muito bem de Marcelo Caetano, ainda julgam que eu era lá dos dele. Não era de certeza absoluta, mas dá a medida de que nem tudo era a violência provinciana. Eu fui corrido do ensino por essa, não é?

Na Agência do Banco Ultramarino, ali no Rossio, e a certa altura punha-se o problema daquele fundo atrás dos balcões, que devia ter umas tapeçarias, que eu insistia que fossem do Sá Nogueira, e houve que falar com o Vice-Governador, o D. Luís Pereira Coutinho, que era outro tipo encantador, devo dizer, um aristocrata, e o Vice-Governador do Banco Ultramarino, era o poder, não é? E perguntavam-lhe como é que havia de ser o tema, eu queria fazer as quatro estações, que era para disfarçar também. A resposta que veio de lá foi: O melhor é fazer uma coisa abstracta, façam

uma coisa abstracta, e tal, o que confirmava que a arte moderna, a arte abstracta, servia também os interesses do poder, visto que não sendo figurativa, não havia compromissos. Mas não houve tapeçarias nenhuma, depois.

O Salazar, na exposição henriquina, entra com o seu chapéu, e disse, mas isto é muito moderno. E deu meia volta e já não viu a exposição.

A mudança trouxe alterações, de certeza, nada podia ter ficado como dantes, não é? É evidente, não é? Mas não lhe sei dizer ao certo. Aquilo em que eu fui mais contrariado, até foi aquele episódio triste do mobiliário, da linha Mitnova, o Risco, com os projectos que pensei que eram possíveis fazer, muito empenhados socialmente, e muito virados para a indústria e para o povo, e para fazer coisas muito baratas, que acabaram por não funcionar. Houve uma certa desagregação do poder. Havia a intenção, com algumas actividades, que era a recuperação das empresas, também pelo design. O Ministro da Indústria, não, da Economia, na altura, que era o Eng. Cravinho, que pretendia que se fizesse um programa de recuperação de algumas indústrias, e nós no fim desenhámos que nos fartámos, e depois houve outras pessoas do INII, também. Outros colegas que estavam instalados nos seus empregos, confortáveis, que achavam que a gente estava a entrar demais nestas coisas, e foi um bocado complicado. Mas ultrapassou-se isso. O 25 de Abril essencialmente veio alterar muito gravemente o funcionamento de algumas indústria, houve um gravíssimo aumento de obscurantismo, ao contrário do que se pensava, e houve algumas empresas que desapareceram, que se aguentavam anteriormente porque beneficiavam de regimes de protecção, umas, na maior parte das empresas, o patrão é que era o dinamizador da empresa e o tipo capaz de tomar decisões, que fazia funcionar as coisas, e os saneamentos, ou a fuga deles, às vezes sem razões para isso, desarticulou completamente a produção. Na Longra, houve algumas coisas graves, mas em todo o caso a Longra não foi muito atingida imediatamente, foi depois disso.

Um pouco antes do 25 de Abril houve a crise do petróleo, os dois choques petrolíferos foram graves para a economia mundial, global já, europeia, e o grande mercado, tanto da Longra como do design português tinha que ver com os escritórios das grandes empresas, por um lado, e com um certo surto de desenvolvimento dessa chamada primavera de Março, com o turismo, os grandes hotéis, que estavam em construção, aqueles três grandes hotéis, o Altis, o Penta, e o Casino Park, que estavam em construção no 25 de Abril. E com isto, ninguém vem passar férias num país que está em revolução, não é? Esse panorama e esse mercado desagregam-se,

também, com reacções imediatas e muito fortes naquilo que era a produção nas indústrias, e enfim, num certo mercado do projecto, não é? E os gabinetes viram-se para outra coisa, e então há a tentativa de fazer, de recuperar as fábricas com móveis acessíveis a toda a gente, mas não tem realmente sucesso. Houve algum romantismo, também, uma certa incapacidade de ler bem e de interpretar a situação, não é? E não havia poder estável para agir em conformidade também. São uns governos muito instáveis, muito pouco apoiados. Houve essa instabilidade e depois começou a imediatamente a recuperação, a contra-revolução, já com valores pós-modernos, outras preocupações, os feitiços, as cores, o humor, e tudo. Foi importante também no pós-modernismo, mas também, enfim, é outra coisa, de facto, quando se retoma, estamos noutra panorama. Depois Há as influências europeias, há os mercados europeus, a importação. Em todo o caso, ainda conseguimos equilibrarmo-nos, aqui no atelier, houve que gerir o RISCO, e o atelier.

Essa ideia de marcar um período deveria ter menos que ver com aquilo que eu fiz do que com o tal contexto, no início da conversa. Entre a EFTA, e o MERCADO COMUM, o que é que aconteceu nesta terra em termos de design, e o contexto daquilo que aconteceu a uma determinada geração. Daciano da Costa não aparece isolado, não é?

O mercado comum, em todo o caso, é em 1986...a adesão oficial, mas as decisões de que íamos entrar para a Europa foram tomadas no governo de Mário Soares, de imediato. Mas em todo o caso, a rotura efectiva faz-se logo muito cedo, aí a seguir ao 25 de Abril, e mais uma vez as colónias, e mais uma vez as matérias-primas, as madeiras todas.

No caso dos cenários, fui procurado, mas recusei, havia outras coisas mais interessantes para fazer. E relativamente ao design gráfico, como actividade, tornou-se muito mais exigente, a profissão evoluiu muito tecnologicamente, e já não estava à altura, aqui, com técnicas artesanais, de acompanhar esse movimento. Foi muito nitidamente o deixar que essa especialização. Eu comecei por fazer muitas coisas, a pouco e pouco fui reduzindo o campo de intervenção, não porque quisesse, a maior parte das vezes, não porque não sabia fazer as outras coisas e porque não apareciam, era porque aparecia outra pessoa que fazia melhor do que eu, e eu fazia melhor aquelas. O design foi evoluindo. Numa dada altura, estas actividades estavam todas juntas, todos faziam de tudo, mas depois passou a haver as especializações e então as coisas começaram a encaminha-se para quem sabia fazer melhor. Os selos foram a última experiência.

Há uma coisa muito importante nessa década de 70, que foi o meu regresso ao ensino. Servi primeiro a arquitectura, 7 anos, e depois mais 7, como professor de desenho, até haver a oportunidade de um curso de design, na Faculdade de Arquitectura. Quando fui para lá pensava isso, mas também devo dizer-lhe, que se não tivesse feito o curso tinha sido... mas eu já estava tão entretido com os arquitectos e com o ensino do desenho, que não foi um sacrifício. Servi com muita satisfação, e foi um período de grande enriquecimento meu. Fui obrigado a estudar coisas que não sabia, os meus alunos obrigaram-me a estudar. Não quer dizer que não tivesse já com a arquitectura, um certo à vontade, porque convivía com arquitectos, e de participar nas obras de arquitectura de interiores, mas ir à essência das coisas, e rever a matéria dada, e estudar arquitectura para poder falar com arquitectos, com estudantes de arquitectura e para me sentir da família, e não um tipo que vem de fora. Foi uma experiência muito interessante.

Leccionar é um imperativo orgânico, é uma forma também de exercer poder. Um imperativo de comunicar aquilo que a gente sabe que não vai ter tempo de fazer. Qualquer pessoa que faz estas coisas, está destinada, por aquilo que faz, a ensinar aos outros qualquer coisa. A nossa função social, de projectistas, é também de melhorara a vida dos outros, isso tem de ver com uma atitude didáctica. Não é uma atitude pretenciosa de achar como é que os outros devem viver, mas de qualquer forma é uma componente do carácter e da atitude do projectista, que tem que ver com a sua responsabilidade social. Não se pode empolar demasiado isto porque isto também é um modo de vida. Uns destacam-se mais do que outros, neste processo, mas isso vai também na capacidade de trabalho e nas pessoas que nos rodeiam, e que nos estimulam. Porque isto é, de facto, um pequeno artesanato.

Um dos aspectos em que o 25 de Abril é fundamental, foi na possibilidade de entrar para o ensino em 1978, e de desencadear, a partir daí, um processo de renovação das artes e permitir que haja uma recuperação das pessoas que estavam dispersas.

Fiz algumas asneiras, porque houve algum idealismo e houve sobretudo, também, o estreitar muito do faixo e um certo fundamentalismo em relação ao design. O design definia-se como uma actividade sisuda, de grande seriedade, e fundamentalmente orientada para a melhoria da produção, para o enquadramento técnico dos produtores directos, era o designer como formador e como agente de melhorar a produção, não só os produtos, como os meios e os modos de produção. E sobretudo apontava-se mais para o design industrial, que era essa disciplina que tinha

essa componente de desenvolvimento, na altura. Hoje penso de uma maneira completamente diferente. Esse grupo teve importância, e coube, por um processo espontâneo, de divisão das tarefas, coube-nos mais a divulgação e a teorização, foi o caso do António Sena da Silva, coube a outros, mais a produção de artefactos de uma forma mais parecida com a do artista plástico, que é o caso do António Garcia, aquele tipo de um desenho muito rigoroso, de uma grande criatividade, mas que nunca foi capaz de deixar de trabalhar sozinho. Repare como isto é significativo. Não encarou aquilo que para nós, no design, era importante, que é uma metodologia do projecto que permite o trabalho de equipa e permite que o acto criativo seja participado. Ele está no outro extremo, de artista plástico, praticamente. Ele não é capaz de trabalhar em comum com ninguém, mas é, de facto, um sujeito que desenha os objectos e os interiores, com uma grande qualidade. O António é mais generalista, é mais divulgador. É o grande divulgador, não é? É o sujeito que faz uma espécie de magistério de charme do design, extraordinária, não é? Até pela figura, era um homem bonito, falava bem, era muito bem educado, falava diversas línguas muito bem, era rico. Teve um papel, era o príncipe. Era de facto a pessoa que dominava esses outros aspectos. Depois havia assim uns tipos mais ocultos, mais profissionais, como é o caso de Sebastião Rodrigues, e depois eu estou por aí com uma actividade mais didáctica e mais objectiva. Eu precisava de ganhar a vida, o António não precisava de ganhar a vida. Ele era rico e bonito, e eu precisava de me exhibir, de fazer o meu charme com o pouco que tinha. Sou um sobrevivente, e o design serviu às mil maravilhas para eu me safar, numa perspectiva de continuar a ser um pintor assim assim. E a mim nunca me convieram papeis de segundas categorias. Se eu tenho continuado na pintura era capaz de me ter espalhado, mas não era tão mau como isso, mas fiz algumas coisas que me saíram muito mal e que me traumatizaram muito. E por outro lado, também veio este idealismo, era necessário conciliar esta componente de grande idealismo que veio com o design, este modo de renovar os mistérios artísticos e de, através do pequeno objecto industrial, generalizar o gosto. Era muito extraordinário, e uma pretensão espantosa. Ir participar na produção e a gente sentir-se úteis e era nesse sentido, com esse pragmatismo todo que se avançou. Depois o ordenamento sócio-económico da época, como é que se proporcionou haver estas experiências. Não foi por acaso que o Sr. Fernando Seixas, da Longra me contactou. Há coisas que são impulsos históricos e há factos técnicos que determinam o afloramento de certas coisas, um espécie de afloramento de pedras aqui e acolá, que formam a constituição geológica de um solo qualquer. Porque é que aconteceu uma convulsão qualquer que virou os xistos ao contrário e os colocou numa

vertical. Só isso é podia fazer mover este país, não é? E houve algumas pessoas que foram as grande intérpretes, que tiveram a grande capacidade de interpretar esses sinais, um deles foi o Fernando Seixas, que me chamou para eu trabalhar com ele na Metalúrgica da Longra, e assim por diante. Eu tive essa oportunidade e outros tipos não a tiveram. Mas houve um tipo ainda mais determinado, o José Maria Cruz de Carvalho, que tinha meios próprios, e fez ele uma fábrica para o seu design. Isto é realmente notável. E fez uma grande fábrica de móveis, que era a Altamira da época, e pela primeira vez, fez uma colecção de objectos que tinham uma lógica interna determinada, que lhes era dada, tal como os móveis dinamarqueses, por uma única madeira e uma única cor dos estofos, e até uma certa qualidade na construção, que é o caso da noqueira nacional, uma madeira que sempre foi de móveis baratos cá na terra, não é? Os estofos eram em pele preta, ou numa espécie de napa, era quase sempre assim. Não sei como é que entrava o tecido nisto, era de um gosto moderado, não era uma coisa radical. Era destinado a umas famílias, e começava a haver um mercado desse tipo assim, formado por outras fábricas mais desordenadas e menos determinadas, e tinham uma imagem muito nítida, muito clara. E não se faz muitas vezes o reconhecimento do papel do José Maria Cruz de Carvalho, e por uma razão, era e ainda é, um tipo rabugento, um tipo encolhido. As pessoas não gostam do José Maria Cruz de Carvalho, quer dizer, se o Sena da Silva fosse o José Maria Cruz de Carvalho, o Sena da Silva não teria ido tão longe, nem pouco mais ou menos. E a época não era para pessoas obscuras, porque isto melhorou muito, socialmente. Hoje pode-se ser marreco, na época, não.

E o Sena da Silva teve esse protagonismo extraordinário, que foi chamar pelos nomes certos, pela primeira vez cá na terra, certas coisas, e dar um certo tom... lendo uns textos do Júlio Moreira, meus, até do próprio Carlos Duarte, há uma espécie de género literário que tem que ver com os textos do Sena da Silva. Deixou marcas nos outros, até no modo como ele escrevia. Ele teve também essa importância, tanto como no modo de desenhar, ou talvez mais, porque ele desenhava pouco. E depois, era um homem de transição, que ainda era m boémio, homem dos officios e muitas crenças, e de muitos entusiasmos, era um tipo de uma grande fragilidade, ao fim ao cabo, e portanto, não foi onde poderia ter ido. E depois há o caso dos gajos mais pragmáticos, mais cejos, mais pragmáticos, como é o meu caso, e também mantendo uma equipa a funcionar permanentemente, com algum sentido, apesar de tudo, empresarial, também o tive. No sentido de que era necessário produzir qualquer riqueza a custo seja de que produto for, neste caso são os artefactos, desenhos, e distribuído por pessoas equitativamente e de acordo com o seu preço e com o seu

nível. Ao fim ao cabo é preciso reconhecer também que esse sentido da economia de uma organização, quando é exercido com o reconhecimento do poder e do valor das pessoas na produção é um sentido altamente moralizador também do percurso dos outros. Quem ganha mais um conto é porque põe mais um ponto. Quem entra aqui entra e fica, para entrar é um caso sério. Para isto há uma moral qualquer que é o resultado da moral puritana do trabalho do artesão, que é aquilo que eu sou mais. Sou um gajo que faz coisas, e também com uma grande vontade de as fazer. Gosto da minha vida e gosto de viver como vivo. Nada foi sempre muito determinado, foi o resultado de uma série de uma série de coisas.